

O PENSAMENTO É UMA CATEGORIA NO SISTEMA SKINNERIANO?*

Maria Amália P. A. Andery

*Tereza Maria A. P. Sério**

RESUMO

O pensamento/pensar foi definido por alguns analistas do comportamento como comportamento verbal encoberto; por outros foi definido como comportamento que torna outro comportamento (ou comportamento adicional) possível. A noção de pensamento/pensar; nas publicações de Skinner; será analisada neste artigo. Serão retomados capítulos ou artigos de Skinner que tratam especificamente da noção de pensamento/pensar. As descrições feitas por Skinner das contingências envolvidas na emissão da resposta verbal pensamento/pensar serão apresentadas. Argumentar-se-á que, para Skinner: (a) a resposta verbal pensamento/pensar é emitida em muitas situações distintas, isto é, sob controle de diferentes controles de estímulos, e que (b) as diferentes contingências envolvidas na emissão desta resposta verbal são tão importantes que nos permitem falar de diferentes "significados" do pensamento/pensar. Argumentar-se-á que este único rótulo (que traz implícita a noção de que descreve um só fenômeno) não deveria ser usado. Finalmente, argumentar-se-á que pensamento/pensar é, para Skinner, uma categoria desnecessária e que muitos processos e contingências envolvidos nas circunstâncias de emissão desta resposta verbal seriam melhor conhecidos caso se abandonasse este rótulo.

Palavras-chave: pensamento; pensar; comportamento verbal; B. F. Skinner.

IS THINKING A CATEGORY IN SKINNER'S SYSTEM OF BEHAVIOR?

ABSTRACT

Thinking has been defined as covered verbal behavior by some behavior analysts, or as behavior that makes additional behavior possible, by some others. The notion of thinking in Skinner's publications will be analyzed: chapters or papers dealing specifically with the notion of thinking will be compared and discussed, highlighting Skinner's definitions, characterizations, and criticism. Skinner's descriptions of the contingencies involved in the emission of the verbal response thinking/thought will be presented. It will be argued that, for Skinner: (a) the verbal response

* Texto publicado em: *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Vol.54, nº 3, pp. 274-283. Rio de Janeiro: Imago. Digitalizado para uso exclusivo do Curso de Especialização em Terapia Comportamental – Terapia por Contingências de Reforçamento (TCR) do ITCR-Campinas.

** Professoras Associadas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Endereço para correspondência: Rua Antônio Alves de Lima Neto. 13.0-1031-060. São Paulo – SP
E-mail: mandery@pucsp.br.

thinking/thought has been emitted in many distinct situations, i.e. under the control of distinct antecedent stimuli; and that (b) the different contingencies involved in the emission of this verbal response are so important that they allow us to talk about different meanings of thinking/thought. Therefore, it will be argued, this single label (which implies one single phenomenon) should not be used. As a conclusion it will be argued that thinking is, for Skinner, an unnecessary category and that many processes and contingencies present when the term is uttered would be better known without it.

Key words: thinking; thought; verbal behavior; B. F. Skinner.

A distinção entre pensamento e ação é, talvez, uma das características mais importantes do mentalismo. Desde que se assuma que a análise do comportamento opõe-se ao mentalismo, a noção de pensamento torna-se uma questão importante para os analistas do comportamento.

Nosso objetivo neste artigo é contribuir para a discussão desta questão, analisando publicações (capítulos de livros ou artigos) de Skinner que tratam especificamente da noção de pensamento, identificando as possíveis definições, características e críticas feitas por Skinner à noção de pensamento/pensar.

Pensamento/pensar foi tema (e título) recorrente nas publicações de Skinner: é título do Capítulo XVI de *Ciência e Comportamento Humano* (1953/1965)¹, do Capítulo XIX de *Comportamento Verbal* (1957), do Capítulo VII de *Sobre o Behaviorismo* (1974), e sob o título "As origens do pensamento cognitivo", foi artigo republicado em *Questões Recentes da Análise do Comportamento* (1989). Todas estas publicações foram analisadas.

No último subtítulo do capítulo sobre o pensar em *Comportamento Verbal* (1957), intitulado "Pensamento como comportamento", B. F. Skinner (1957) afirma:

"A perspectiva mais simples e satisfatória é que pensamento e simplesmente comporta mento - verbal ou não-verbal, encoberto ou aberto. Não é algum processo misterioso responsável por comportamento, é o próprio comportamento em toda a complexidade de suas relações controladoras relativas a ambos, o homem que se comporta e o ambiente em que ele vive".(p. 449)².

Esta afirmação sugere perguntas tais como: Qual seria a extensão da afirmação de Skinner de que pensamento é simplesmente comportamento? Skinner estaria tentando livrar-se de quaisquer especificações ou qualificações do termo comportamento? Skinner estaria dizendo que pensamento não é um tipo de (ou uma espécie de) comportamento?

Logo depois desta passagem, ainda tratando dos problemas de relacionar pensamento e comportamento, B. F. Skinner (1957) diz:

"O campo do comportamento humano pode ser convenientemente subdividido como relativo aos problemas que coloca e aos termos e métodos correspondentes que serão utilizados. Pode-se fazer uma distinção útil entre reflexos, condicionados ou não, e o comportamento operante gerado e mantido pelas contingências de reforçamento em um dado ambiente. Tradição e agilidade parecem de acordo para que se confine a análise do pensamento humano a comportamento operante. Assim concebido, pensamento é (...) nada além da ação em si mesma (ela mesma), sujeito à análise por meio dos conceitos e técnicas da ciência natural e a ser explicado, em última instância, em termos de variáveis de controle." (p. 449)³

Poderíamos interpretar a posição de Skinner, tal como foi aqui apresentada, como a proposição de que a única qualificação adequada para pensamento seria a qualificação de que se trata de comportamento operante? Se esta interpretação estiver correta, quais seriam as implicações de tal proposição?

Essas foram algumas das perguntas que dirigiram nossa leitura e interpretação do tratamento dado por Skinner ao tema (a categoria) pensamento/pensar.

Tal leitura mostra que, em seu tratamento do pensamento/pensar, Skinner analisa as condições nas quais a resposta verbal pensamento/pensar tende a ser emitida. Acompanhando as análises propostas por Skinner é possível concluir que o autor identifica duas contingências importantes envolvidas na emissão da resposta verbal com a topografia pensamento/pensar. Em um caso, a resposta verbal é emitida em condições que não estão relacionadas com aquilo que tradicionalmente se assume como os processos envolvidos no pensamento. No segundo caso, pensamento/pensar é uma resposta verbal emitida sob o controle de variáveis que supostamente se referem a processos e/ou estruturas relacionadas ao pensamento/pensar.

PENSAMENTO COMO RESPOSTA VERBAL NÃO RELACIONADA A SEU "SIGNIFICADO TRADICIONAL"

Pensamento/pensar, diz B. F. Skinner (1957,1974), pode ser uma resposta verbal que descreve um comportamento fraco. Isto pode acontecer:

a) quando o estímulo controlador antecedente é deficiente, por esta razão, tomando fraca a resposta. B.F. Skinner exemplifica este tipo de resposta verbal: "Penso que é uma espécie de chave de fenda" (1974, p. 103)⁴; "Pensei que era Jones (mas vejo que não é)." (B. F. Skinner, 1974, p. 435)⁵;

b) quando a resposta descrita é fraca por causa, por exemplo, de sua história de reforçamento e, portanto, tem uma baixa probabilidade de ocorrência. De acordo com Skinner, são exemplos deste tipo de situação: "Pensei que o seu nome fosse Jones".(B. F. Skinner, 1957, p. 436)⁶; "Penso que irei." (B. F. Skinner, 1974, p. 103).⁷

Em ambos os casos há uma enorme diferença entre estas situações e as circunstâncias usuais (tradicionalis) em que a resposta verbal pensamento/pensar

ocorre. Mais uma vez, B. F. Skinner é esclarecedor quando, a este respeito, afirma: "(...) 'eu penso' e claramente oposto a 'eu sei'" (1974, p. 103)⁸.

Em *About Behaviorism* (1974), Skinner identifica ainda uma outra circunstância em que a resposta verbal pensamento/pensar costuma ser emitida, mas que, ainda assim, é muito distante do "significado" tradicionalmente atribuído ao pensamento: usamos o termo pensamento/pensar para descrever os estágios iniciais de uma resposta.

"Observando um jogo de xadrez, podemos nos perguntar 'no que um jogador estava pensando' quando faz um movimento. Podemos querer dizer que nos perguntamos o que ele fará a seguir. Em outras palavras, nos perguntamos sobre seu comportamento incipiente ou não-ecoado. Dizer 'ele estava pensando em movimentar seu bisp', talvez seja dizer 'ele estava a ponto de movê-lo'". (B. F. Skinner, 1974, p. 103).⁹

O exame destas contingências, comumente envolvidas na emissão das respostas verbais pensamento/pensar, indiscutivelmente é importante; no entanto, estas não são as circunstâncias que impõem os desafios mais pertinentes ao analista do comportamento que está tratando de descrever (ou compreender) a resposta verbal pensamento/pensar.

PENSAMENTO COMO UMA RESPOSTA VERBAL RELACIONADA COM SEU "SIGNIFICADO TRADICIONAL".

Se a nossa interpretação de Skinner estiver correta, há dois conjuntos de variáveis controladoras da emissão de respostas verbais com a topografia pensamento/pensar relacionadas aos processos que tradicionalmente são assumidos como pensamento. Quando pensamento descreve comportamento verbal encoberto (B. F. Skinner, 1957, p. 433) e quando pensamento é identificado com "comportar-se que automaticamente afeta aquele que se comporta e que é reforçador por isso" (B. F. Skinner, 1957, p. 438).¹⁰

Skinner afirma ambas as possibilidades logo no início do capítulo sobre o Pensamento em *Verbal Behavior*; e o faz depois de analisar a possível origem e manutenção do comportamento. Nesta análise, ao lado do papel exercido pelo comportamento verbal na coordenação do grupo, Skinner enfatiza outros papéis do comportamento verbal que teriam expandido seu escopo e, desta forma, contribuído para a sua manutenção. Entre esses papéis, Skinner discute a produção, por meio do comportamento verbal, de efeitos emocionais (além de outros) em outra pessoa e, mais tarde, no próprio falante:

"Uma vez; que um falante tenha se tomado um ouvinte, está montado o cenário para um drama em que um homem desempenha vários papéis. As vantagens iniciais para a coordenação do grupo estão ausentes, mas há

ganhos compensadores. Isto tem sido tradicionalmente reconhecido quando o comportamento de um falante com relação a si mesmo como ouvinte, particularmente quando seu comportamento não é observável por outros, e colocado à parte como um empreendimento humano especial chamado 'pensamento'” (B. F. Skinner, 1957, p. 433).¹¹

Aqui, aparentemente, Skinner está afirmando que o comportamento verbal é importante, por duas razões, por causa dos ganhos que traz para o grupo e pelos seus efeitos sobre outras pessoas e sobre o próprio falante. No entanto, Skinner enfatiza que é quando o efeito do comportamento verbal sobre o próprio falante é a variável controladora importante e, particularmente, quando o comportamento verbal é comportamento encoberto, que tal comportamento tem sido destacado e singularizado como pensamento.

As duas dimensões usualmente associadas com pensamento/pensar - a forma encoberta e os seus efeitos sobre o falante - são, então, analisadas separadamente por Skinner.

a) Pensamento/pensar como comportamento encoberto

Para investigar a possibilidade de que pensamento/pensar seja o comportamento verbal caracterizado pela propriedade de ser encoberto, Skinner examina as razões por que o comportamento verbal chamado pensamento toma-se encoberto.

De acordo com o autor, há diferentes motivos pelos quais o comportamento verbal recede ao nível encoberto: porque as respostas verbais podem ser mais fáceis, mais rápidas, ou podem ser o produto de uma história de punição (B. F. Skinner, 1989). Na realidade, diz Skinner, a propriedade de ser encoberto não é necessária para definir o pensamento/pensar uma vez que o próprio comportamento verbal encoberto tornar-se-á aberto (público) nas circunstâncias adequadas.

"Há, então, variáveis importantes que determinam se uma resposta será aberta ou encoberta. Mas elas não afetam de maneira importante suas outras propriedades. Elas não sugerem que haja qualquer distinção importante entre os dois níveis ou formas" (B. F. Skinner 1957, p. 437).¹²

Além do mais, afirma Skinner, o comportamento verbal varia enormemente ao longo da dimensão encoberto-aberto, desde gritar até “a fala subaudível de dimensões pouco claras”. Portanto,

"Não há um ponto no qual seja lucrativo traçar uma linha distinguindo pensar de agir ao longo deste contínuo. Até onde sabemos, os eventos no extremo encoberto não tem propriedades especiais, não obedecem a leis especiais e

*não podem ser creditados com quaisquer resultados especiais" (B. F. Skinner, 1957, p. 438).*¹³

Assim, das duas possibilidades levantadas como possíveis candidatas a definir o pensamento/pensar, uma delas, a propriedade de ser comportamento *encoberto*, é eliminada.

b) Pensamento/pensar como comportamento verbal que afeta outro comportamento

É principalmente como comportamento que altera outros comportamentos que Skinner, em seus artigos, discute o pensamento/pensar, usualmente em relação com os chamados processos cognitivos:

*"Muitos processos de pensamento, no entanto, não têm relação com a distinção entre comportamento forte e fraco ou entre privado e público, aberto e encoberto. Pensar é fazer algo que torna outro comportamento possível" (B. F. Skinner, 1989, p. 20).*¹⁴

Skinner trata do tema sob uma grande variedade de títulos – tais como atenção (1968, 1974), lembrar (1953-1965, 1974), decidir (1953-1965, 1974), resolução de problemas (1953-1965, 1957, 1968, 1974, 1989) e pensamento produtivo ou criativo (1953-1965, 1974) - abordando as diferentes contingências que melhoram o controle de estímulos ou que alteram a força de respostas não disponíveis imediatamente para o sujeito.

Uma análise mais detalhada do tratamento dado por Skinner a esta questão permite a identificação de diferenças entre conjuntos de circunstâncias que envolvem comportamentos verbais que afetam outros comportamentos. Há aqui também graus de proximidade com o que tradicionalmente vem sendo chamado de pensamento/pensar.

No extremo mais distante do que se poderia comumente chamar de pensamento/pensar estariam os "fluxos de pensamento": o comportamento verbal que *automaticamente* supre estímulos para outros comportamentos verbais. De acordo com Skinner; pareceria haver pouca razão para chamar esse tipo de comportamento de pensamento/pensar no sentido tradicional, e um refinamento da análise seria, então, necessário.

Skinner, então, passa a considerar aqueles comportamentos verbais que "(...) levam a conseqüências *específicas e são reforçados porque o fazem*" (B. F. Skinner; 1957, p. 439).¹⁵ Contudo, esses comportamentos mais freqüentemente produzem conseqüências práticas que mantêm o comportamento, como, por exemplo, no caso do automando ou da composição de tatos para esclarecer uma situação (B. F. Skinner, 1957, p. 440).

Skinner também examina alguns outros verbos e substantivos tradicionalmente associados com o pensamento/pensar e com processos cognitivos

que também são caracterizados por ele como respostas verbais que afetam outras respostas. Atentar, lembrar, buscar, decidir, resolver problemas, pensar criativamente são considerados e explicados como contingências em que o comportamento verbal é emitido, produzindo conseqüências específicas (B. F. Skinner, 1953-1965, 1974).

Ao agrupar todos esses "processos" sob um rótulo (um título de capítulo), Skinner parece considerar que (e quase concordar com) uma só contingência específica - uma contingência que envolve controle discriminativo - seria responsável por todas essas atividades. Mas uma leitura mais cuidadosa - dos capítulos - indicará claramente que Skinner não supõe que as diferenças envolvidas em todas essas situações não sejam importantes. Por exemplo, dirá Skinner, ao "decidir" que o falante manipula estímulos para mudar a probabilidade de duas respostas conhecidas. Já no "lembrar" a manipulação de estímulos muda a probabilidade de uma resposta desconhecida, e é esta manipulação de estímulos que permite a emissão desta resposta (B. F. Skinner, 1953-1965, 1974).

O que Skinner parece estar dizendo é que, para uma análise comportamental do pensamento/pensar enquanto resposta verbal emitida em situações em que estão envolvidos comportamentos verbais que afetam outros comportamentos, duas coisas são importantes: considerar que todos esses casos são casos de controle de estímulos e que cada um deles tem peculiaridades que não podem ser desconsideradas.

Como conclusão, caracterizar o pensamento/pensar como comportamento que afeta outro comportamento é inapropriado, e se o fizermos estaremos juntando, agrupando como uma só coisa (um só fenômeno) ou um só conjunto de fenômenos relações tão distintas quanto aquelas envolvidas no "vôo de idéias" e na resolução de problemas.

Ninguém chamaria todas essas instâncias de pensamento/pensar. Skinner sugere que escondê-las todas sob um mesmo rótulo - por exemplo, pensamento - seria enganador.

Com esta conclusão, mais um qualificador que definiria certos comportamentos como especiais e que comumente caracterizaria esses comportamentos como pensamentos é descartado.

Esses comportamentos (os pensamentos), então, não são definidos pela propriedade de serem encobertos e não são definidos por serem comportamentos que afetam outros comportamentos.

No início deste artigo, foi sugerido que pensamento/pensar poderia ser "traduzido" como comportamento verbal encoberto ou como comportamento verbal que afeta outro comportamento. As especificações "encoberto" e "ser um comportamento que afeta outro" já foram tratadas e recusadas como especificações do pensamento/pensar. Assim, o que restaria como qualificação para o que vem sendo chamado de pensamento/pensar e que se trataria de comportamento *verbal*.

a) Pensamento como comportamento verbal

Skinner discute esta possibilidade:

"Desconsiderando a distinção entre encoberto e aberto e a possibilidade de que comportamento verbal possa ser especialmente efetivo sobre o próprio falante, devemos concluir que pensar e simplesmente comportamento verbal? (...) Comportamento encoberto e um substituto moderno, atrativo para processos de pensamento por causa de suas dimensões difíceis e comportamento verbal que é auto-estimulado, também é um candidato promissor por causa do fato de poder ser privado e de, após um longo período trabalhando sozinho, o pensador poder emitir comportamento surpreendentemente efetivo {sempre foi fácil para pensadores reivindicar poderes especiais}. Comportamento verbal à parte de sua forma encoberta ou aberta, ou da identidade do ouvinte sobre o qual é efetivo também tem algo da magia que esperamos encontrar em um processo de pensamento" (1957, pp. 446, 447).¹⁶

Skinner, então, prossegue, analisando que características do comportamento verbal seriam definidoras do pensamento/pensar. Porque o comportamento verbal é livre de restrições mecânicas e ambientais, porque permite uma resposta unitária a eventos que ocorrem em diferentes momentos e lugares e porque permite uma resposta unitária a dimensões especiais de estímulos, afirma Skinner, o comportamento verbal tem sido identificado com o pensamento/pensar.

Para B. F. Skinner, estas propriedades "(...) são funções importantes e distintivas do comportamento verbal, mas são, no entanto, irrelevantes para uma definição do pensamento" (1957, p. 448).¹⁷

Como já se afirmou quando da análise dos comportamentos que afetam outros comportamentos, muitos tipos de operantes verbais que poderiam ser incluídos sob o título de pensamento/pensar estão distantes daquilo que tradicionalmente seria chamado de pensamento. Quando se define pensamento/pensar como comportamento verbal, por um lado inclui-se como pensamento/pensar comportamentos que comumente não seriam rotulados como tal. Por outro lado, comportamentos que poderiam ser incluídos como tal teriam de ser excluídos do domínio do pensamento/pensar.

O mesmo se aplica neste caso: nem todo comportamento verbal caberia no rótulo pensamento/pensar, e há comportamentos, afirma Skinner, que não são verbais, mas que, ainda assim, estão envolvidos em processos tais como solução de problemas e que, por esta razão, estariam próximos daquilo que comumente se quer dizer com a expressão pensamento/pensar.

Com este argumento Skinner elimina a última especificação para os comportamentos envolvidos no que é comumente chamado de pensamento/pensar.

Ao fazê-lo, Skinner não apenas elimina a distinção entre pensamento e ação, ele também faz mais que afirmar que pensamento é comportamento. Quando Skinner afirma que "(...) pensamento é simplesmente *comportamento*" (1957, p. 449)¹⁸, ou que "(...) pensar é comportar-se" (1974, p. 104)¹⁹, afirma que não há uma espécie (ou

tipo) de comportamento chamado pensamento. Obviamente, há um conjunto de fenômenos comportamentais (relações sujeito-ambiente) que, do ponto de vista tradicional seriam identificados com pensamento e, obviamente, tais fenômenos são objeto de análise também do analista do comportamento. Entretanto, a análise de tais fenômenos indica que eles não têm uma propriedade (ou característica, ou dimensão) comum que nos levaria a uni-los como um conjunto sob um rótulo descritivo de tal fenômeno. Não há, entre eles, a unidade que é sugerida pelo termo pensamento/pensar. Poderíamos afirmar, portanto, que pensamento/pensar como uma categoria (fenômeno) a ser submetida à análise do comportamento e desnecessária e enganadora.

NOTAS

1. A primeira data faz referencia ao ano da publicação original, e a segunda à edição consultada.
2. "The simplest and most satisfactory view is that thought is simply behavior-verbal or nonverbal, covert or overt. It is not some mysterious process responsible for behavior, it is the very behavior itself in all the complexity of its controlling relations, with respect to both man, the behaver, and the environment in which he is."
3. "The field of human behavior can be conveniently subdivided with respect to the problems it presents and the corresponding terms and methods to be used. A useful distinction may be made between reflexes: conditioned or otherwise, and the operant behavior generated and maintained by the contingencies of reinforcement in a given environment. Tradition and expedience seem to agree in confining the analysis of human thought to operant behavior. So conceived, thought is (...) but action itself, subject to analysis with the concepts and techniques of the natural science, and ultimately to be accounted for in terms of controlling variables".
4. "I think it is a kind of wrench".
5. "I thought that was Jones (but I see it is not)".
6. "I thought his name was Jones".
7. "I think I shall go".
8. "I think' is clearly opposed to 'I know'"
9. "Watching a chess game, we may wonder 'what a player is thinking of' when he makes a move. We may mean that we wonder what he will do next. In other words, we wonder about his incipient or inchoate behavior. To say 'he was thinking of moving his hook', is perhaps to say, 'he was on the point of moving it'".
10. "(...) behaving which automatically affects the behaver and is reinforcing because it does so."
11. "Once a speaker also becomes a listener, the stage is set for a drama in which one man plays several roles. The initial advantages for group coordination are missing, but there are compensating gains. This has been recognized traditionally when the behavior of a speaker with respect to himself as listener particularly when his

behavior is not observable by others is set aside as a special human achievement called 'thinking'."

12. "There are, then, important variables which determine whether a response will be overt or covert. But they do not greatly affect its other properties. They do not suggest that there is any important distinction between the two levels or forms."

13. "There is no point at which is profitable to draw a line distinguishing thinking from acting on this continuum. So far as we know, the events at the covert end have no special properties, observe no special laws, and can be credited with no special achievements."

14. "Many thought processes, however, have nothing to do with the distinction between weak and strong behavior or between private and public, overt and covert. To think is to do something that makes other behavior possible."

15. "(...) lead to specific consequences *and are reinforced because they do so.*"

16. "Disregarding the distinction between overt and covert and the possibility that verbal behavior may be especially effective upon the speaker himself, are we to conclude that thinking is simply verbal behavior? (...) Covert behavior is an appealing modern substitute for thought processes because of its difficult dimensions, and verbal behavior, which is self-stimulating, is also a promising candidate because of the fact that it can be private and that after a long period of working alone the thinker may emit astonishingly effective behavior. (It has always been easy for 'thinkers' to claim special powers.) Verbal behavior, quite apart from its covert or overt form, or from the identity of the listener upon whom it is effective, also has some of the magic we expect to find in a thought process."

17. "(...) are important and distinctive functions of verbal behavior, but they are nevertheless not relevant to a definition of thinking."

18. "(...) thought is simply behavior."

19. "(...) thinking is behaving."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SKINNER. B. F. (1957) *Verbal Behavior*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall
- _____. (1965) *Science and Human Behavior*. Nova York: The Free Press.
(Publicação original de 1953).
- _____. (1968) *The Technology of Teaching*. Nova York: Appleton-Century-Crofts.
- _____. (1974) *About Behaviorism*. Nova York: Alfred A. Knopf.
- _____. (1989) *Recent Issues in the Analysis of Behavior*. Columbus: Merrill Publishing Company.